

# **A ARQUITETURA "GLOBALIZADA" FACE A DILUIÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DO ESPAÇO CONSTRUÍDO - ESTUDO DE CASO - O BAIRRO DE PONTA VERDE. MACEIÓ-AL**

**Morgana Maria Pitta Duarte Cavalcante (1)**

(1) Universidade Federal de Alagoas - UFAL

## **RESUMO**

Este trabalho aborda a questão da globalização interferindo na sustentabilidade do meio ambiente construído do bairro da Ponta Verde, na cidade Maceió, tentando verificar a relação entre o espaço construído e a diluição da identidade cultural local face à absorção do modelo da “arquitetura internacional ou globalizada”. As cidades no final do milênio apresentam-se não mais como símbolos utópicos, mas com produtos desgastados por sucessivos modelos econômicos e urbanos, que negligenciaram por anos o desenvolvimento sustentável.

Assim, a análise da “urbe” é feita sob o aspecto da semiótica urbana, baseando-se na metodologia de pesquisa utilizada pela antropologia urbana, onde a cultura aparece como elemento fundamental de toda realização histórico-social, incluindo, portanto, a configuração urbano-espacial.

Além da análise da urbanização “modernizadora” enquanto fenômeno de globalização de culturas, o presente estudo faz um inventário do uso do solo no bairro como um todo e uma interpretação semiótica de algumas edificações multifamiliares, consideradas exemplos da referida interferência exógena no meio ambiente construído da Ponta Verde.

A abordagem é feita sob a ótica da sustentabilidade cultural, entendendo que a mesma é um dos sustentáculos do real desenvolvimento sustentável.

**Palavras-chave:** globalização, identidade cultural, meio ambiente construído, sustentabilidade e semiótica.

## **INTRODUÇÃO**

A globalização é um processo constante e irreversível, portanto para uma acomodação mais racional das medidas de integração entre as culturas é necessário um plano inicial que respeite as características peculiares de cada região, tanto no que diz respeito ao meio ambiente como um todo, como particularizando o meio ambiente construído (gerenciamento ambiental e controle urbanístico), onde claramente percebemos a perda gradual da identidade regional.

A área de estudo constitui-se em um dos bairros da orla marítima de Maceió, que teve sua rápida valorização, principalmente com a implantação de edificações da classe média e média – alta da sociedade local, e também no final dos anos 70, início dos anos 80, com o grande “boom” do turismo.

Assim, a Ponta Verde, área de grande relevância para cidade, é hoje ponto de maior especulação imobiliária, com inúmeros equipamentos turísticos, luxuosos apartamentos e pontos comerciais, portanto área de concentração exagerada de “outdoors”, faixas de propagandas e demais elementos visuais. Os símbolos naturais e a arquitetura local passam a ser substituídos por padrões ditados pela ordem internacional. A semiótica do espaço construído fica então intimamente ligada à problemática da identidade cultural de determinado espaço, no caso a Ponta Verde. A questão da sustentabilidade cultural, identidade cultural, globalização e semiótica são de grande relevância quando entendemos as mesmas como o elo de ligação entre a produção arquitetônica construída e sua significação, uma vez que, ela nos permite uma leitura ampla dos signos usados em determinado momento histórico-social.

Tal área de grande relevância para cidade é hoje ponto de maior especulação imobiliária, com inúmeros equipamentos turísticos, luxuosos apartamentos e pontos comerciais, portanto área de concentração exagerada de “outdoors”, faixas de propagandas e demais elementos de propaganda.

Em Maceió o conceito de modernidade passa pela idéia de um modelo internacional de arquitetura e propaganda visual, tão comum aos mais diversos pontos do planeta o que de certa forma tem permitido uma perda gradual do conceito de qualidade de vida e cultura. Os símbolos naturais passam a ser substituídos por padrões ditados pela ordem internacional, por símbolos eletrônicos e computadorizados.

A falta de uma identidade forte desta cidade litorânea, com imagem extremamente fragilizada pelos desmandos políticos de seus governantes não possui, hoje, um símbolo forte.

Partimos da hipótese de que a identidade cultural é o elemento que permite um real desenvolvimento sustentável de cada uma das nações integradas pelo novo modelo de unificação por blocos que a globalização sugere.

## **1. A ÁREA E O OBJETO**

A área de estudo compreende o bairro da Ponta Verde, localizado no Sudeste da cidade de Maceió, o qual oficialmente tem o seu perímetro assim delimitado pela Prefeitura local:

*“ Do ponto inicial segue pela Rua Dep. José Lages. Continua pela travessa Hélio Pradines até a Rua prefeito Abdon Arroxelas prolongando-a até a margem do oceano Atlântico, na Praia de Ponta Verde. Segue pela orla marítima até encontrar o prolongamento da Rua Engenheiro Demócrito S. Barroca até encontrar a Rua Engenheiro Mário de Gusmão. Segue pela mesma até a Rua José G. Pereira do Carmo. Daí segue a Rua Durval Guimarães. Segue por esta até encontrar a Travessa Senador Firmino Vasconcelos. Continua pela mesma até encontrar a Rua Soldado Eduardo dos Santos. Daí segue pela mesma até o ponto inicial, no seu encontro com a Rua Deputado José Lages.”*

Entretanto o estudo também inclui algumas ruas, as quais o imaginário popular muitas vezes inclui como ainda área pertencente à Ponta Verde, apesar de oficialmente e também por muitos moradores (principalmente os mais afastados da orla) como já do bairro de Jatiúca.

## 2. GLOBALIZAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL

O capitalismo, segundo IANNI (1998) desde o processo dos descobrimentos marítimos (século XVI) , com as grandes navegações até hoje, final do século XX, tem provocado constantes “surto de expansão”, revelando-se “simultaneamente nacional e internacional, ou propriamente global”.<sup>1</sup>

A força do processo do capitalismo que se confunde com a própria globalização traz junto de si uma idéia concretizada, que alcança não só indivíduos, mas nações inteiras; “o capitalismo revela-se como mensageiro de um *phatos* impressionante”.<sup>2</sup>

É bem verdade que o capitalismo em suas formas cruéis como o Imperialismo foi capaz de ditar regras, devastar civilizações, mas também capaz de adequar-se a culturas, remodelando-as.

A idéia de globalização traz também dentro de si, conceitos que se confundem com a mesma, como a *ocidentalização* que se iniciou com o processo de *europização* do mundo ( XVI) e após a Segunda Guerra Mundial, com a ascensão dos Estados Unidos, com a *americanização* . Destacando-se que a idéia de ocidentalização do mundo foi trabalhada por Hengel, Marx e Weber e ainda vem sendo trabalhada por grandes teóricos deste século.<sup>3</sup>

Ao mesmo tempo em que se fala de americanização do mundo, com modificações das estruturas preexistentes, fala-se também em troca de *latinalização* dos Estados Unidos, como resultado de uma troca de influências culturais.

---

<sup>1</sup> IANNI, Octavio. **A Sociedade Global**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. p. 54

<sup>2</sup> IANNI, Op. cit. p. 68

<sup>3</sup> IANNI, op. cit. , p.70

Particularmente entendo a suposta latinização dos Estados Unidos como uma falsa idéia de acomodação de culturas, porém como uma adequação de forças produtivas necessárias à economia americana. É bem verdade que, principalmente, em algumas partes dos Estados Unidos os latinos são em número crescente, mas com relação ao ponto de vista de inserção cultural, entendo que ainda há um liame que separa a cultura americana da latina, pois a própria segregação urbano-espacial evidencia isto, haja vista a existência de guetos e a resistência a língua.

A ocidentalização é uma realidade indiscutível, evidenciando-se pela própria indústria cultural, a produção da chamada cultura internacional-popular.

Segundo Viertler<sup>4</sup> a idéia de globalização é um conceito fruto de um capitalismo financeiro e onde a ocidentalização é uma constante irreversível. Há através deste processo uma constante subordinação da mão – de – obra e recursos à ordem internacional. Isto significa uma subordinação cultural a modelos ditados pelo mundo ocidental, havendo uma crescente ocidentalização da cultura mundial.

O problema da sustentabilidade cultural aparece ligado intimamente à idéia de diversidade cultural, sem no entanto, conferir a cultura o caráter estático e fixo, desprovendo-a de sua essência que é o movimento. Só realmente é interessante manter determinados “bens” e formas culturais “quando estes representarem códigos de solidariedade e cooperação visando contribuir para o processo de produção e reprodução da sociedade enquanto tal.” Sendo importante perguntar sempre a quem interessa preservar ou modificar? Quem vai se beneficiar com determinadas atitudes? Neste Ponto, cumpre-nos retomar nosso problema de investigação que se situa na inter-relação das questões ligadas à sustentabilidade cultural, identidade cultural, globalização e semiótica.

O que não poderia ocorrer é o que na realidade já ocorre, ou seja, a imposição de mercados dominadores, impositores de modelos culturais, muitas vezes inadequados à nossa realidade, abrangendo a espacial e climática, como no caso da chamada “arquitetura internacional”. A globalização vende ao leigo uma idéia de inserção no mundo, mas na realidade, pelo menos para os países do “Terceiro Mundo” a globalização não se mostrou adequada para promover a diversidade, o que ocorre é a absorção de modelos exógenos, de uma maneira extremamente rápida e descartável.

---

<sup>4</sup> VIERTLER, Renate B. **A Idéia de “Sustentabilidade Cultural”**: Algumas Considerações Críticas a partir da Antropologia. IN: BASTOS FILHO, Jenner B. , AMORIM, Nádia F. e LAGES, Vinicius N. (Orgs.) *Cultura e Desenvolvimento. A Sustentabilidade Cultural em Questão*. - Maceió: PRODEMA/UFAL, Ed. Universitária, 1999, p.17.

### 3. O PROCESSO DE VERTICALIZAÇÃO E A SUSTENTABILIDADE CULTURAL

O entendimento de que a verticalização estaria intimamente ligada ao processo de industrialização não é recente, sendo sem dúvida alguma, um argumento válido e marcante, principalmente em virtude do ideal de “modernidade” divulgado pelo processo inerente a própria industrialização.

Todavia o complexo entendimento do referido processo envolve não só um sentimento produzido pela crescente urbanização das cidades e o “status” de metrópole que o símbolo edifício vertical poderia produzir, mas a legitimação de uma técnica construtiva que seria uma espécie de solução para as mazelas da falta de moradia.

De uma maneira geral a verticalização como alternativa de modelo habitacional, no sentido de apresentar uma proposta mais palpável e adequada a falta de moradias no Brasil só significou um argumento utópico e não sustentável, já que não significou, de fato, a uma solução.

Nas grandes metrópoles do Terceiro Mundo o processo de verticalização chegou com um discurso de uma sociedade mais igualitária, com oportunidades maiores para a população mais pobre, todavia se expandiu como modelo de uma modernidade para classes mais abastadas e alternativa para a classe média.

Somekh<sup>5</sup> questiona o porquê da verticalização no Brasil e em metrópoles como São Paulo não se constituir em uma solução para uma produção em massa de habitação popular, uma vez que o ideário modernista tinha a questão social e a produção em massa de moradias como cerne de seu pensamento.

Na realidade o enfoque dado ao processo de verticalização como uma proposta no sentido social e organização espacial visando “resolver” o problema do alto valor da terra, barateando, em tese, o valor do imóvel, não corresponde a uma realidade palpável no mundo dos negócios, onde lucro constitui-se na palavra de ordem.

Assim, ao contrário do que a proposta revolucionária da verticalização se propunha a ser em termos tecnológicos, com o concreto, ferro e o vidro; em termos sociais não chegou, no Brasil, a ser realmente a efetiva solução para o problema.

Aspecto relevante a se destacar é que o Brasil praticamente importou o modelo de verticalização inicialmente criado na Europa, absorvido pelos Estados Unidos da América, mas aqui, principalmente em São Paulo, espelho para o resto do Brasil, centrado basicamente

---

<sup>5</sup> SOMEKH, Nádía. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador**. São Paulo: Studio Nobel, EDUSP, FAPESP 1997. P. 15

na idéia de um “urbanismo modernizador”, não incorporando a questão social como meta principal, que era um ponto central no caso da Alemanha, por exemplo.<sup>6</sup>

A idéia de “urbanismo modernizador” é principalmente o entendimento de uma proposta inovadora no sentido de se inserir a cidade num contexto da contemporaneidade, independente de uma real adequação do ideal de sustentabilidade.

“O chamado urbanismo moderno ou modernista, que inclui a modernização, não se desenvolveu plenamente na cidade de São Paulo e até hoje se limita a ser modernizador”.<sup>7</sup>

Percebemos, portanto que a idéia da verticalização, inicialmente como modelo capaz de superar o problema habitacional, transformou-se em um argumento ineficaz a tal proposta, mas sim em um modelo alternativo de moradias, no sentido de se constituir em um ícone da “modernidade” globalizada.

Assim, culturas inteiras tiveram que rapidamente se amoldar a um novo modelo habitacional, sob o argumento de barateamento da moradia, através da sua multiplicação sobre o mesmo espaço, por meio da verticalização.

O que se observou ao longo do tempo é que apesar de o “novo modelo” ter sido originariamente europeu, foi o modelo americano que se difundiu pelo mundo, sempre com o ideal claro da produção em série e modernização.

Culturas adaptadas a um estilo de moradia individual, com espaços de apropriados para jardins e quintal e sem o “senso” de coletividade se adequaram a posturas impostas por um novo modelo habitacional ditado por uma tecnologia “modernizadora”.

Observamos ainda hoje as conseqüências deste modelo no Brasil com relação à adaptação cultural, por exemplo, para a manutenção das áreas comuns, serviços de segurança, limpeza, de gás e água é necessário a taxa de condomínio, o que muitas vezes não é pago pela totalidade dos moradores, gerando uma série de problemas para os mesmos. Outro aspecto é a falta de entendimento de que o que é “comum” é também do próprio condômino, não sendo raras as vezes em que o individualismo, próprio do ser humano supera o ideal de coletividade.

Todavia, hoje é inequívoca a necessidade deste tipo de habitação, principalmente nos grandes centros urbanos, onde o estilo de vida globalizado, exige uma moradia mais adequada ao corre-corre do “caos urbano”. Habitações mais compactas, de fácil manutenção e também, em tese, mais seguras.

---

<sup>6</sup> SOMEKH, Nádia. Op. cit. p.15.

<sup>7</sup> IDEM. P.15 e 16.

A verticalização por um lado foi um modelo exógeno imposto a determinadas comunidades, mas que de certa forma se incorporou a uma necessidade da contemporaneidade, ávida por praticidade, o que não significa necessariamente qualidade de vida e sustentabilidade.

Em Maceió, a questão da verticalização está intimamente ligada à expansão urbana no litoral Norte da cidade. Primeiro porque o direcionamento da cidade antes da implantação de uma indústria química (Salgema) em plena orla marítima da cidade na década de 70, era o litoral Sul, direcionamento este totalmente invertido após a tal evento. Desta forma o novo vetor de crescimento da “urbe” no sentido do litoral, passou a englobar os bairros de Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca.

Houve um aumento significativo da especulação urbana no bairro de Ponta Verde, com a implantação de grandes hotéis (verticais) e inúmeros edifícios de apartamentos residenciais no bairro. O crescimento da valorização de se morar perto da praia, principalmente com a visão do mar através das janelas tornou-se um “desejo” de muitos.

A verticalização na cidade de Maceió não é um fenômeno difuso, mas concentrado na orla marítima da mesma, o que significa que o mesmo não se constitui na cidade uma alternativa de moradia para atender o déficit habitacional ou proposta para redução de preços dos imóveis. Observamos um número pequeno de edifícios de apartamentos no centro da cidade e nos bairros mais afastados da orla, o que não significa que ele não exista. O processo é mais efusivo nas proximidades das praias urbanas, com exceção daquelas prejudicadas pela proximidade da implantação da indústria química e grande poluição por parte do Riacho Salgadinho, como no caso das praias do Sobral e Avenida, respectivamente.

Notamos também que por ocasião dos planos do governo, no sentido de estimular a aquisição da casa própria, surgiram, na cidade, alguns conjuntos habitacionais verticais, mas não mais em evidência na atualidade.

Todavia o processo de verticalização trouxe junto de si uma grande polêmica urbana que é a do gabarito dos edifícios, qual seria a altura máxima ideal? Tal polêmica envolve diversos segmentos da comunidade como técnicos da prefeitura, construtores, arquitetos e em menor grau a comunidade em si, a não se por seus representantes eleitos.

O código de edificações da cidade apresenta o zoneamento da cidade conforme seu caráter predominante (residencial, comercial, misto ou especial) e também apresenta coeficientes de aproveitamento máximo dos lotes, bem como limitações do gabarito dos prédios.

A polêmica em torno das limitações reside basicamente nos argumentos de que tais limitações se constituem em barreiras ao potencial criativo e a possibilidade do barateamento dos imóveis, por outro lado argumenta-se que edifícios mais altos aumentariam a “barreira de concreto” formada pelos mesmos e que impediria a circulação dos ventos. Inclusive existe a hipótese que o problema da erosão da linha de costa na Ponta verde tenha também sido provocada pela modificação da direção das correntes marítimas ocasionadas pelos ventos, que por sua vez foram impedidos de circular normalmente devido a tal “barreira de concreto” formada pelos prédios.

#### **4. SEMIÓTICA URBANA – A LEITURA URBANA NÃO-VERBAL A PARTIR DA ANTROPOLOGIA URBANA**

A apreensão da paisagem urbana é um conjunto de sensações visuais, táteis e olfativas. Percepções de linguagem não-verbal<sup>8</sup> são o ingrediente do espaço construído.

As cidades trazem dentro de si sentimentos, símbolos, significados, desejos e memórias, e como nas cidades invisíveis de Calvino<sup>9</sup> são muitas em uma só, e muitas vezes redundantes em seus símbolos para que ela inicie a sua existência.<sup>10</sup>

Mas para compreender o complexo de informações e sentimentos que a cidade exprime há de se buscar a sua identidade que se faz repetir constantemente em seus símbolos, em sua vivência diária que a torna única entre tantas outras.

A memória de uma cidade é construída por seus símbolos culturais, por sua identidade preservada ou renovada, mas nunca sufocada e eliminada.<sup>11</sup>

Lynch<sup>12</sup> fala da imagibilidade como a capacidade que tem o objeto de evocar determinada imagem sobre o observador, podendo a mesma ser chamada de legibilidade e visibilidade. Mas a imagem depende antes de tudo da relação entre o observado e o observador, se este está inserido no contexto ou se é um mero transeunte.

A imagem é antes de tudo uma questão de interpretação, exprimindo desejos, sonhos ou simplesmente adequando-se ao acaso. Todavia a mesma é refletida por diversos ângulos e captada por pessoas diversas.

Lynch<sup>13</sup> coloca que os bairros são elementos que compõem a imagem das cidades, com personalidade e identidade própria dentro de uma mesma cidade, podendo ser identificáveis pelo seu interior e referência exterior.

---

<sup>8</sup> FERRARA, Lucrécia D’Alessio. **Ver a Cidade**. São Paulo: Nobel, 1988.

<sup>9</sup> CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>10</sup> CALVINO, op. cit., p. 23.

<sup>11</sup> BOSI, Éclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

<sup>12</sup> LYNCH, Kevin. In: **O Urbanismo**. P. 312.

<sup>13</sup> LYNCH, Kevin. Op. cit. p. 313.

A configuração de uma cidade com elementos de identidade cultural depende daqueles que aí habitam, sejam cidadãos comuns ou dirigentes, e até mesmo os turistas que criam uma imagem desejada de uma cidade é interferem em sua paisagem com seus costumes e interferência no mercado. O importante a se destacar é que mesmo quem não está vivenciando o dia a dia de uma cidade atua como ator social, pois direciona a configuração espacial, social e cultural de uma cidade.

Salientamos a necessidade de um corte epistemológico no conceito de semiótica, sem contudo comprometermos a discussão, pois, para o entendimento da percepção urbana, o conceito de semiótica urbana já é suficientemente abrangente, além de já trazer em si, implicitamente toda a fundamentação da interpretação da referida ciência.

As cidades, de uma maneira geral, e de um ponto de vista pragmático abrangem situações concernentes às diferentes camadas sociais e étnicas. Existe uma segregação natural que se reflete espacialmente no desenho da cidade, não no projeto urbano. Significa, que existem vários olhares interpretativos da semiótica urbana: o de quem está dentro do bairro e nas edificações (olhando de dentro para fora) e de quem está nas ruas apenas passando (não está verdadeiramente olhando) e de quem está pesquisando (olhando de fora para dentro).

Com toda sua densidade, o espaço urbano possui uma multiplicidade de signos que se unem e se permitem ser percebidos. Formam um sistema complexo de informações que são apreendidas de diversos pontos de vista.

A cidade espetáculo onde seus usuários são os atores sociais, leva-nos a uma interpretação extensiva do que realmente a simbologia inerente a mesma significa em relação aos seus moradores e visitantes. Qual a sua imagem? De que símbolos se utiliza para passar determinada imagem? O que ela realmente representa? Todas as indagações residem no processo de auto-imagem que ela faz de si mesma e a imagem que os outros acham que ela tem.

A percepção urbana ultrapassa o limite do contato inicial para estender-se à interpretação mais profunda, levando-se em conta a memória e não só o contorno inicial.

Ferrara<sup>14</sup> diz que a semiótica do espaço social registra, flagra, as marcas dos processos de transformação social, ou seja, interpreta estes sinais que são deixados no tempo e no espaço. E são estas marcas/sinais que servem de elementos para se efetuar a interpretação da história não verbal, mesclada de todos ingredientes da cultura.

---

<sup>14</sup> FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Olhar Periférico**. 2ª ed. São Paulo, EDUSP, 1999.

## 5. METODOLOGIA

A etnografia moderna não afasta a possibilidade do envolvimento do pesquisador com a comunidade pesquisada, significando que para que haja uma perfeita efetivação, principalmente no que se refere à pesquisa de campo, faz-se necessário, por exemplo, a observação participativa, ou seja, o pesquisador deve estar envolvido por inteiro com o objeto a ser pesquisado.<sup>15</sup>

Na realidade a própria pesquisa de campo permite a complementaridade dos métodos qualitativos com os quantitativos, que formam um conjunto mais elaborado da própria pesquisa em si, a qual quando mais enriquecida em termos de dados e relatos melhor.

Portanto a complementaridade dos dois métodos é a junção mais adequada ao estudo das sociedades complexas na contemporaneidade, pois o envolvimento é fundamental ao mesmo tempo em que a análise quantitativa permite mensurar a extensão do fenômeno estudado.

A pesquisa foi desenvolvida a partir da hipótese de que a identidade cultural é o elemento que permite um real desenvolvimento sustentável de cada uma das nações integradas pelo novo modelo de unificação por blocos que a globalização sugere.

A semiótica do espaço (Ponta Verde), representa modernização ocidentalizada que aos poucos permite a perda gradual da identidade cultural, representando uma globalização de uma área turística/ Ponta Verde.

A comunidade trabalhada é o bairro de Ponta Verde, de acordo com a delimitação da Prefeitura Municipal de Maceió. Trata-se de uma comunidade “fechada” e extremamente elitizada, onde a concentração de uma população mais favorecida é evidente.

A pesquisa desenvolvida é resultado basicamente da complementaridade das abordagens qualitativa e quantitativa.

A pesquisa no que se refere aos dados empíricos (pesquisa de campo) foi desenvolvida no período de 01 (um) ano (1999 a início de 2000), sendo que no que se refere aos dados numéricos (contagem das edificações) esta foi feita no período da primeira semana de janeiro de 2000. Salientando-se a importância do período delimitado dado a extrema dinâmica do uso de solo na área em estudo.

A pesquisa foi direcionada no sentido de se explorar a “percepção urbana” como resultado prático de uma cultura e que se concretiza no espaço urbano; no seu uso e na sua imagem física.<sup>16</sup> Portanto o espaço entendido como o bairro da Ponta Verde é aquele que

---

<sup>15</sup> MALINOWSKI fala nas condições adequadas à pesquisa etnográfica. In. Op.cit. p. 21

<sup>16</sup> FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Olhar Periférico: informação, linguagem e percepção**. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1999. P. 18.

durante a pesquisa detectamos como correspondente ao imaginário popular, coincidentemente o mesmo adotado pela Prefeitura local, em seu novo abairramento. Salienta-se, entretanto, algumas áreas conflituosas que neste trabalho serão destacadas como “áreas de transição”.

A percepção urbana para a este trabalho não coincide exatamente com o projeto urbano, mas com as informações colhidas “in loco” e vivenciadas ao longo da pesquisa, enquanto resultado de uma política econômica e cultural da comunidade residente na área.

Os tipologias selecionadas qualitativamente para a análise foram no número de treze edificações multifamiliares (prédios de apartamentos), por se constituírem em exemplares considerados marcantes da chamada “arquitetura internacionalizada” ou “globalizada” na área em estudo, por estarem localizadas ao longo das principais vias da Ponta Verde e por nelas estarem alguns informantes já conhecidos.

A análise e interpretação dos dados partiu basicamente da percepção e interpretação semiótica da paisagem urbana, levando-se em conta para a análise dos mesmos sua intercomunicação com a semiótica do espaço social.

## **6. CONTEXTUALIZAÇÃO E A SUSTENTABILIDADE CULTURAL FACE AO PERFIL DA PONTA VERDE**

Toda a questão relativa à sustentabilidade cultural passa pela etnografia cultural, portanto os dados da pesquisa nos permite a fazer algumas considerações acerca da problemática em tela.

Em um primeiro momento a partir das constatações relativas aos serviços oferecidos, de uma maneira geral no bairro, percebemos a grande diversidade de atividades desenvolvidas na região e que permitem, praticamente uma grande independência do bairro em relação a cidade como um todo, a não ser pelo setor administrativo que ainda continua a se concentrar, em grande parte, no centro de Maceió, apesar de algumas descentralizações recentes. Assim o bairro, possui um perfil de autônomo em relação à cidade como um todo, pois educação, saúde, lazer são oferecidos no referido espaço.

A infra-estrutura básica denota que o bairro é extremamente privilegiado em relação aos demais da cidade, possuindo um bom serviço de transportes urbanos, telefone, energia elétrica e até mesmo a segurança. Com relação ao fornecimento de água, ocorre sempre um colapso da rede por ocasião do verão e da alta temporada, o que na realidade, é suprido por poços artesianos (perfurados em controle algum pela prefeitura local) e compra de água de carros pipas.

O comércio desenvolvido na área é na sua maioria de produtos de categoria, principalmente nas ruas corredores comerciais do bairro, onde butiques de luxo, lojas de informática, livrarias e restaurantes se destacam.

Os serviços são sempre bem absorvidos pelos moradores do bairro, pois o poder de compra dos habitantes do bairro é alto em relação à cidade. Inclusive constatamos durante a pesquisa que várias pessoas da região não mais freqüentam o centro comercial tradicional da cidade, mas apenas as lojas do bairro e do shopping, indicando que o centro é inseguro e sem lojas finas.

Destacam-se também o grande número de escolas e cursos no bairro, principalmente cursinhos pré-vestibulares, cursos de línguas e de informática, que encontram na área uma grande clientela pagante. Além de academias de ginástica tradicionais da cidade e muitas clínicas particulares. Na realidade não existe nenhum grande hospital, centro ou posto de saúde, mas a população diz estar satisfeita com as clínicas sofisticadas da região.

O número de edificações multifamiliares (prédios de apartamentos) proporcionalmente maior que os de residências unifamiliares (casas), também demonstra o crescente processo de verticalização na área, com implicações na cidade como um todo, provocando problemas como a circulação do ar, impedindo a aeração de partes da cidade e criando ilhas de calor, com microclimas bem definidos.

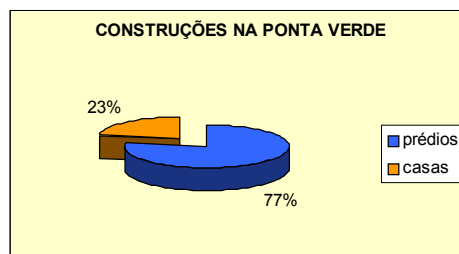


Gráfico 01 – (2000)

É bastante polêmica na cidade a questão do possível paredão de concreto que se forma ao longo da orla com a construção dos prédios de apartamentos, além das implicações na circulação do ar, também a implicação visual da paisagem como um todo. As questões são inúmeras com relação ao gabarito, à taxa de ocupação e afastamentos mínimos dos prédios. Há uma constante pressão do poder oculto das construtoras para que os prédios sejam cada vez mais altos e com maiores áreas de construção, em detrimento de áreas livres.

O bairro é um atrativo por sua localização (orla marítima) e por seus inúmeros equipamentos de lazer, como barzinhos, restaurantes e boates.

Sua população é praticamente formada por pessoas de classe média, classe média alta e alta, todavia possui uma população flutuante de turistas e pessoas de outros bairros, principalmente durante os finais de semana; além daqueles que trabalham no bairro, como vendedores, empregadas domésticas, motoristas, professores, médicos e outros.

Muitas pessoas falam que morar na Ponta Verde é nunca estar só, pois sempre de uma janela pode-se ver movimento.

De uma maneira geral, a pesquisa demonstra uma constatação lógica do perfil da Ponta Verde, seus principais serviços, comércio e equipamentos, bem como traça uma perspectiva, não muito animadora, com relação ao processo crescente de verticalização em substituição ao modelo anterior de habitações unifamiliares (casas), de um lado em virtude de um processo global que vende a comodidade e a segurança de se morar em um prédio de apartamentos, de outro abandonam-se cânones culturais em busca da “modernidade” e praticidade dos prédios.

Durante a pesquisa alguns moradores indicaram que casa é melhor, porém inviável no momento atual, em virtude da praticidade e da segurança. Indicaram que morar na Ponta Verde é um privilégio, além de ser o modelo atual do mundo globalizado.

Segundo alguns moradores do bairro, em suas falas o bairro é muito bom e morar em prédios de apartamentos é o ideal para o mundo moderno.

Durante a pesquisa constatamos que a impessoalidade é uma constante no bairro, as pessoas, na maioria das vezes, não se conheciam e achavam isto muito bom, em muitos prédios não sabiam quem eram os vizinhos, muitas vezes só as profissões, inclusive um fato curioso é que quando havia viúvas, estas eram só conhecidas pelo estado civil e não pelo nome ou profissão.

Outro aspecto importante foi com relação a cor, pois a maioria do bairro é formada por moradores de cor branca e poucos pardos (morenos), inclusive detectamos durante a pesquisa racismos velados.

Um dos problemas do bairro é o da poluição do mar por ligações clandestinas nas galerias pluviais, todavia poucos moradores reclamaram do mesmo e quando indagados, respondiam que era um problema, mas eles não tomavam banho de mar nesta praia, apenas passeavam na orla ou fazendo exercícios.

Na realidade existe uma apatia com relação aos problemas comunitários do bairro, o que não acontece nos bairros da periferia, talvez porque os problemas não impliquem em impactos diretos ao indivíduo, mas à comunidade. Por exemplo, ações contra o problema da poluição sonora partem de indivíduos ou ruas específicas e não da comunidade como um todo que reivindica seus direitos.

A população é individualista, apática e não organizada, mas tem privilégios específicos em virtude da vocação turística do bairro e alta concentração da elite no bairro. Acreditamos que esta postura é típica de quem não se sente prejudicado, está em situação cômoda.

O que questionamos a partir da pesquisa, no que se refere à sustentabilidade, não é os moradores “adorarem” a Ponta Verde, mas aceitarem modelos ditos modernos e melhores que os endógenos, no que se refere ao espaço urbano em sua conformação e estética. É sustentável a adoção de modelos exógenos em detrimento de uma cultura tradicional?

A adoção de tais modelos já provou que os impactos sobre o meio ambiente são desastrosos, inclusive uma das hipóteses da erosão/assoreamento da linha de costa da Ponta Verde, foi a construção da pista de rolamento muito próxima do mar, aterrando-se e construindo-se sobre o batente de preamar, tudo isto em virtude do maior aproveitamento de área para loteamentos.



Foto 01 – Processo Erosivo (2000)

Ressaltamos outras hipóteses para o assoreamento/erosão da linha de costa, em que pese alguns considerarem um processo secular, podendo também ser resultado do aquecimento global, indica-se também a construção do Porto de Jaraguá, as dragagens naquela enseada, a construção do clube “Alagoinhas” (clube que penetra dentro do mar) e as correntes marinhas que tiveram suas direções modificadas dado ao “cinturão de concreto” dos edifícios da orla que modificara direções de ventos.<sup>17</sup>

Enfim os impactos na área são resultados da ação antrópica, portanto a insustentabilidade é fruto do próprio homem que absorve modelos desenvolvimentistas inadequados.

---

<sup>17</sup> CAVALCANTE, Morgana Duarte. **Impactos Ambientais na Ponta Verde e Perspectivas Turísticas no Bairro**. Monografia de Especialização em Análise Ambiental. Maceió: UFAL, 1996.

A imagem estereotipada da Ponta Verde é também uma constatação da pesquisa, tanto por parte de seus moradores como dos demais habitantes da cidade, todavia com ralação aos turistas, tal imagem aparece um pouco distorcida, pois vende “paraíso de águas limpas” e na realidade não as temos. A imagem é uma “mentira”, os símbolos podem mentir?

Santaella e Nöth<sup>18</sup> entendem citando, Umberto Eco, que esta possibilidade existe, há uma espécie de manipulação das massas. Transportando tais conceitos para o espaço urbano, percebemos sua adequação, em virtude, principalmente do fascínio do simbólico em contraponto ao real, que muitas vezes, é feio sem charme.

As pessoas têm consciência dos problemas reais, mas preferem o mundo mágico do imaginário, que os símbolos criam.

Salientamos o alto valor especulativo dos lotes restantes no bairro, inclusive valendo atingindo R\$ 1.000.000,00, além dos preços dos apartamentos, variando significativamente entre os da orla e os nas ruas internas do bairro. Na avenida da praia, os valores chegam a alcançar também mais de R\$ 1.000.000,00 e na rua anterior R\$ 250.000,00 a R\$ 400.000,00.<sup>19</sup>

Morar na Ponta Verde é ter ou achar que se tem, um “status” de endinheirado, mesmo que não se diga isto claramente, inclusive é o sonho de alguns.

Os moradores dos prédios de padrão internacional, com uma simbologia forte do padrão da globalização (granito, mármore, cerâmica e vidro) são predominantemente profissionais liberais bem sucedidos, principalmente profissionais mais antigos com carreiras sedimentadas; altos funcionários públicos e muitos fazendeiros, políticos e empresários. Salientamos que muitos dos que se dizem fazendeiros e empresários são usineiros ou parentes destes com ramificações nos negócios.

Há inclusive uma grande concentração de pessoas nestas edificações cuja renda atual própria não justificaria tal empreendimento, mas possuem uma riqueza pessoal advinda de heranças. Portanto é comum encontrarmos parentes de usineiros, políticos, fazendeiros (filhos, viúvas, mães).

A estética visual dos prédios agrada plenamente aos moradores, ou seja, se esta coincidir com os elementos que signifiquem “status social”, que valorizem os prédios.

As imobiliárias da região indicam grande preferência dos clientes por piso de granito no hall de entrada, na sala de estar dos apartamentos e vidro (importado de preferência), mármore ou granito nas fachadas dos prédios. Não há preocupação quanto à

---

<sup>18</sup> SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. **Imagem : cognição semiótica e mídia**. 2a.ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.

<sup>19</sup> Dados conforme imobiliárias da cidade.

eficácia dos materiais ou conforto térmico proporcionado ou não pelos mesmos. Há inclusive uma grande utilização de um mármore impróprio para uso externo, o Travertino ou Marta Rocha, que por ser muito poroso, fica logo cheio de perfurações; mas é amplamente usado.



Fotos 02 e 03 – Prédios Ponta Verde - 2000(Morgana Duarte)

Na realidade não questionamos a volta do modelo habitacional de casas, mas a mesclagem dos dois modelos, com mecanismos de controle urbanístico que favoreçam a manutenção das mesmas, incluindo aí segurança, além de uma proposta de construções que limitem uso desenfreado de símbolos e padrões exógenos em detrimento de nossa cultura.

De uma maneira geral entendemos que a necessidade de se compreender a sustentabilidade é fundamental, caso contrário o seu comprometimento será inevitável a curto prazo, com o processo de verticalização intenso, balneabilidade, clima, ventos, erosão/assoreamento, lixo, marginalização e globalização da estética nordestina através de importação de modelos.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pensar a contemporaneidade como um momento distinto em diversos lugares, ainda é uma realidade, principalmente quando imaginamos o “abismo cultural” entre o Ocidente e alguns países do Oriente, todavia, o espaço/tempo hoje é extremamente reduzido, graças aos meios de comunicação e transporte. Portanto não seria diferente com relação ao espaço urbano e seus símbolos.

Longe de querermos identificar o fenômeno da globalização como, o único responsável pela importação de culturas distintas à nossa, nos perguntaríamos se a nossa cultura não seria desde o princípio, por ter sido o resultado de tantas outras, uma cultura sem unidade?

A resposta, entendemos após toda esta reflexão, é que a cultura brasileira, mas precisamente a nordestina, é fruto sim de diversos grupos étnicos, porém possui unidade, senão não seria em si uma cultura, pois a própria definição de povo já traz dentro de si o conceito de laços em uma única cultura; o problema, ressaltamos, é a fragilidade da mesma, pois nos é induzido pensar enquanto inferiores. No âmbito nacional, o Nordeste fragilizado e pobre, na escala internacional o Brasil, o país com disparidades econômicas e sociais, um grande país, mas do futuro.

A identidade cultural portanto, enquanto ingrediente da sustentabilidade cultural deve ser preservada e estimulada e não soterrada por culturas exógenas, muitas vezes inadequadas à nossa realidade. Lógico que as relações de troca são fundamentais, para a própria revalorização cultural e enriquecimento interno, todavia elas devem ser efetuadas em escala de igualdade e não em graus diferenciados onde exista o dominado e o dominador.

A americanização é sem dúvida alguma um fato irreversível da contemporaneidade, em todo os sentidos, desde a culinária até a informática.

O processo de assimilação cultural encontra o espaço urbano das metrópoles como “idôneos”<sup>20</sup> para legitimarem a imitação sob o discurso da “modernidade”. Há uma espécie de importação de valores em todas as esferas sejam elas sociais, normativas, éticas e econômicas de modelos de países ditos do “primeiro mundo”, com a justificativa da busca da “modernidade”.

Questionamos as mutações que se constituem em violações culturais e não em assimilações, pois ocorrendo a perda gradual da identidade, ocorre também a inserção em um esquema de submissão interminável, econômico e cultural, não podendo desassociá-los.

Os modelos importados de uma arquitetura internacionalizada, ao mesmo tempo em que introduz o novo, que na realidade não é mais tão novo, permite um “esquecimento” de soluções mais adequadas ao nosso clima, realidade social e cultura. Ocorre que com as regras da economia global somos obrigados pelo sistema a aderirmos ao “padrão global”, mesmo que isto também provoque reações de revalorização cultural. Todavia a força do modelo global, internacional e mais forte e dita as regras.

Outro aspecto a se salientar é o de que a importação de modelos serve também para legitimar uma dominação cultural, onde o dominado, muitas vezes, tem um discurso a favor da própria dominação, não a reconhecendo como tal, mas como modernização.

---

<sup>20</sup> SÁNCHEZ, Joan-Eugeni. **Metropolização e Modernidade**. In. O Novo mapa do Mundo: Fim de Século e Globalização. 3. ed. São Paulo: HUCITEC – ANPUR, 1997. P. 296.

A arquitetura do concreto, do vidro, do mármore e do granito, de uma certa maneira globaliza e aproxima as arquiteturas em sua estética monótona, por não ser inovadora, nem particular.

No nosso espaço urbano, conforme pesquisas realizadas existe um mercado ditando “regras” que implicam na utilização constante do vidro, mármore, cerâmica e granito, além de conformação espacial que o próprio código de edificações delimita em termos de aproveitamento.

Portanto existem mecanismos legais e extraleais, que necessariamente não significam ilegais que orientam a configuração espacial da cidade, bem como suas construções.

Neste ponto, imagináramos posturas, ou diretrizes no sentido, não de criar novos “patterns” mas configurações que respeitassem nossas raízes. Tudo, isto através de mecanismos legais.

A acomodação a modelos importados implicaria em uma perda gradual da identidade e da imagem que a cidade tem, enquanto valor agregado e que é de forte importância para o turismo.

Assim, se Maceió com sua orla, tornar-se mais uma fatia do modelo internacional de “orla marítima”, as peculiaridades se perderão no tempo e o modelo estético não será mais atraente para o próprio turismo internacional, pois o que ele procura é o “diferente” e não o igual..

Sem dúvida, entendemos que o ideal seria a criação de mecanismos de controle para efetivação de modelos adequados à sustentabilidade, onde a entraria o processo de educação ambiental com ênfase na valorização das culturas endógenas, além de uma legislação específica estabelecesse normas de proteção ao patrimônio cultural. Não que houvesse limitações ao novo e a “modernidade”, mas que a convivência fosse harmônica e não aniquiladora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, Agassiz. **Globalização e Identidade Cultural**. São Paulo: Cone Sul, 1998.

ALVA, Eduardo Neira. **Metrópoles (In) Sustentáveis**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana.** São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. **A Construção no Sentido na Arquitetura.** São Paulo: Perspectiva, 1979.
- CUÉLLAR, Javier Pérez (org.). **Nossa diversidade criadora: Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento.** Trad. Alessandro Candéas. Campinas: Papiрус, 1997.
- FELDMAN BIANCO, Bela (org.). **A Antropologia das sociedades contemporâneas- métodos.** São Paulo: Global, 1987.
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Ver a Cidade.** São Paulo: Nobel, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Olhar Periférico.* 2ª ed. São Paulo, EDUSP, 1999.
- HAGUETTE, Teresa M.ª Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia.** 3ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1992.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** São Paulo: Loyola, 1992.
- IANNI, Octavio. **A Sociedade Global.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A Era do Globalismo.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- MALINOWSKI. **Introdução.** In. Malinowski. Vida e Obra.. São Paulo, Ed. Abril, 1978.
- NÖTH, Winfried e SANTAELLA, Lucia. **Imagem. Cognição, semiótica e mídia.** São Paulo: Iluminuras, 1999.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Um Outro Território. Ensaio sobre a Mundialização.** São Paulo: Ed. Olho D'água,
- SOMEKH, Nadia. **A Cidade Vertical e O Urbanismo Modernizador.** São Paulo: Studio Nobel: EDUSP: FAPESP, 1997.
- VIERTLER, Renate B. **A Idéia de “ Sustentabilidade Cultural”: Algumas Considerações Críticas a partir da Antropologia.** In: Cultura e Desenvolvimento. A Sustentabilidade Cultural em Questão. Orgs. BASTOS FILHO, Jenner B., AMORIM, Nádia F. e LAGES, Vinicius N. - Maceió: PRODEMA/UFAL, ed. Universitária, 1999.